



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS**

LUIZA ALVARES CAMARGO

**REPRESENTAÇÃO DE PERSONAGENS MENINOS NA LITERATURA NEGRO-
BRASILEIRA INFANTIL**

Brasília
2021

LUIZA ALVARES CAMARGO

**REPRESENTAÇÃO DE PERSONAGENS MENINOS NA LITERATURA NEGRO-
BRASILEIRA INFANTIL**

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como exigência para obtenção do título de Licenciatura em Letras Português e Respectiva Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Claudia da Silva.

Brasília
2021

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela oportunidade de realizar o Trabalho de Conclusão de Curso com tranquilidade e por ter abençoado essa trajetória.

À toda minha família, principalmente aos meus pais, Roberto e Romilce, por serem meu alicerce e por estarem ao meu lado, me fortalecendo, em todas as fases da minha vida.

Às minhas irmãs, Clara e Júlia, por todo amor, carinho e suporte que recebi durante a realização do trabalho.

Às minhas amigas Jéssica e Yasmin, por estarem ao meu lado desde o começo da graduação, demonstrando o verdadeiro valor de uma amizade.

À minha amiga Carol, por me acompanhar nessa experiência.

Por fim, à professora Ana Claudia, pela compreensão e auxílio nos momentos de dificuldade e pela excelente orientação.

*“Agora, quando chegar a próxima ventania...
UBUNTU!”*
- Rodrigo França

RESUMO

A legislação brasileira, em 2003, tornou obrigatória a inclusão do ensino de história e cultura afro-brasileira nos estabelecimentos de educação básica. Frente a isso, o presente trabalho busca demonstrar como se dá a representação do menino negro no âmbito da literatura negro-brasileira infantil, para que seja possível entender a importância da inclusão, não somente na esfera educacional, mas na vivência da criança como um todo, de obras que discutam temas relacionados às diversidades étnico-raciais. Para isso, foram analisados os seguintes livros: *Os Reizinhos de Congo* (PEREIRA, 2004); *Caderno de Rimas do João* (RAMOS, 2015); *Sinto o que sinto e a incrível história de Asta e Jaser* (RAMOS, 2019); *O Pequeno Príncipe Preto* (FRANÇA, 2020). Os resultados indicaram que histórias infantis com protagonistas negros apresentam temáticas muito relevantes para a aprendizagem da criança. Dessa forma, ela internalizará discussões essenciais relacionadas à realidade negro-brasileira.

Palavras-chave: Menino negro. Literatura negro-brasileira infantil. Diversidades étnico-raciais.

ABSTRACT

The Brazilian legislation, in 2003, made the inclusion of the afro-brazilian history and culture teaching mandatory in the institutions of basic education. The present work searches to demonstrate how the representation of black boys happens in the cenário of black-brazilian children's literature, so it can be possible to understand the importance of the inclusion of books that discusses racial ethnic diversity, not only on the school sphere, but also in the hole life of a child. For that, it will be analised the following books: *Os Reizinhos de Congo* (PEREIRA, 2004); *Caderno de Rimas do João* (RAMOS, 2015); *Sinto o que sinto e a incrível história de Asta e Jaser* (RAMOS, 2019); *O Pequeno Príncipe Preto* (FRANÇA, 2020). The results indicated that children's stories with black protagonists present themes that are very relevant to the child's learning. In this way, the child will internalize essential discussions related to the black-Brazilian reality.

Keywords: black boy. Black brazilian infant literature. Ethnic diversity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa do livro Os Reizinhos de Congo	19
Figura 2: Mar e navio.....	20
Figura 3: Reizinho-menino	21
Figura 4: Congado.....	22
Figura 5: Capa do livro Caderno de rimas do João	23
Figura 6: rostos/Figura 7:avós de João	25
Figura 8: Gilberto Gil/Figura 9: Kirikou	25
Figura 10: Capa do livro Sinto o que sinto e a incrível história de Asta e Jaser	26
Figura 11: Dan tocando bateria	27
Figura 12: criança/Figura 13: criança 2	28
Figura 14: Capa do livro O Pequeno Príncipe Preto	29
Figura 15: Ancestralidade.....	30
Figura 16: UBUNTU	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA	12
2.1 NEGROS: INFANTES NA LITERATURA?	14
3 TRAJETÓRIA DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA	15
3.1 A PERSONAGEM NEGRA NA LITERATURA INFANTIL.....	16
3.2 O MENINO NEGRO NA LITERATURA INFANTIL	18
3.2.1 Os reizinhos de Congo	19
3.2.2 Caderno de Rimas do João	23
3.2.3 Sinto o que sinto e a incrível história de Asta e Jaser	26
3.2.4 O Pequeno Príncipe Preto	29
4 CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

Na literatura brasileira contemporânea, assim como em outras épocas, a presença do negro nas obras ainda é menos expressiva do que a presença do branco. Isso também ocorre em relação ao número de autores negros que têm suas obras publicadas, uma vez que, os “[...] séculos de racismo estrutural afastam [os negros] dos espaços de poder e de produção de discurso.” (DALCASTAGNÈ, 2008, p.1)

A literatura infantil brasileira contemporânea não foge à regra e apresenta, também, um restrito número de obras com personagens negras e/ou autores negros. Dentre as obras existentes, muitas trazem como personagens principais meninas negras que carregam consigo o conflito dos fenótipos e estereótipos do povo afrodescendente. Como exemplo desse cenário temos os livros: *O mundo no black power de Tayó* (OLIVEIRA, 2013); *O pente penteia* (ALFREDO, 2015); *Meninas negras* (COSTA, 2006), entre outros.

Segundo Cuti (2010) a literatura negro-brasileira:

Nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra “negro” aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa brancura que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer. (CUTI, 2010, p. 36).

Frente ao conceito exposto pelo autor, o presente trabalho configura-se como uma análise de algumas obras da literatura negro-brasileira infantil. São elas: *Os reizinhos de Congo* (PEREIRA, 2004); *Caderno de Rimas do João* (RAMOS, 2016); *Sinto o que sinto e a incrível história de Asta e Jaser* (RAMOS, 2019); e *O pequeno príncipe preto* (FRANÇA, 2020).

A análise das obras citadas acima buscará responder às seguintes questões: As histórias contemplam enredos que remetam aos povos negros da África ou que remetam aos povos afrodescendentes? As histórias discutem problemas étnico-raciais como o racismo? Ou a temática das histórias discutem outras questões senão aquelas relacionadas aos aspectos da cultura africana?

Essas questões são elencadas com o objetivo de mostrar que, por meio da literatura infantil, ou seja, por meio de histórias diversas que permeiam o imaginário das crianças desde tempos remotos até os dias atuais, é possível discutir questões importantes que vão influenciar e fazer parte da vivência do indivíduo mesmo depois de crescido. Sobre a importância da leitura, Andruetto diz que:

Quando lemos, ensinamos, escrevemos ou ajudamos outros a ler, a ensinar, a escrever. As palavras nos vinculam, ao mesmo tempo, ao individual e ao social, porque a leitura é, ademais daquela prática solitária e gostosa a que frequentemente nos referimos, um instrumento de intervenção sobre o mundo que nos permite pensar, tomar distância, refletir, uma esplêndida possibilidade para dar lugar às perguntas, à discussão, ao intercâmbio de percepções e à construção de um juízo próprio. (ANDRUETTO, 2011, p. 119).

Esse instrumento de intervenção que caracteriza a leitura, citado por Andruetto, colabora para que o indivíduo consiga se colocar no mundo, se posicionar, entender o que o rodeia e refletir, discutir e se questionar sobre diferentes assuntos. Esse tipo de processo é dificultado quando não temos a chamada diversidade nas questões trazidas por meio das leituras. Em outras palavras, quando o registro escrito apresenta questões cotidianas tratadas de maneira simplória é certo que nem todos irão se identificar com o que está sendo apresentado ali, sendo essa a reflexão que trazemos nesse trabalho: até que ponto uma criança negra se identifica com uma história que não discute sua cor, sua ancestralidade, sua cultura? Até que ponto, ao ler histórias que trazem um padrão eurocêntrico, branco e cristão faz com que a criança negra se veja ali representada naquela narrativa?

Para entendermos melhor essas questões levantadas, o trabalho será dividido em duas partes: Na primeira, apresentamos sobre a trajetória do negro na literatura brasileira, mais especificamente, vamos procurar abarcar como e quando a personagem negra na literatura brasileira começou a ganhar forma e como era retratada nos tempos remotos e como é retratada na contemporaneidade.

Já a segunda parte constitui-se como uma apresentação mais aprofundada sobre o caminho que a literatura infantil percorreu no Brasil desde o século XIX até os dias atuais. Adentraremos, na primeira seção da segunda parte, na questão relacionada à trajetória do negro na literatura infantil no decorrer dos anos. Nessa seção, abordaremos como e quando a personagem negra começou a aparecer nas histórias infantis e observaremos quais os impactos trazidos pela promulgação da lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003), que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

A segunda seção, da parte dois, configura-se pela análise das obras selecionadas para o presente trabalho, buscando identificar como essas personagens se apresentam por meio da escrita e da parte imagética. Com base nisso, refletiremos sobre as possibilidades trazidas pela leitura crítica dessas obras para o desenvolvimento de uma valorização positiva da pessoa negra e caminharemos para a seção de conclusão do trabalho.

2 O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA

Para entendermos melhor sobre como a literatura infantil representa o negro, precisamos entender um pouco da sua trajetória na literatura brasileira como um todo, isso porque, o que notamos nos livros é um processo histórico, constituído, diretamente, pela influência das relações sociais.

Desde o século XVII, a imagem do negro, representada em obras como as de Gregório de Matos, revela um ser objetificado, como podemos ver nos versos a seguir:

Quem são seus doces objetos?... Pretos.
Tem outros bens mais maciços?... Mestiços.
Quais destes lhe são mais gratos?... Mulatos.
(MATOS, 2021)

No século XIX, a presença do negro ganha mais força, porém sua representação é estereotipada. Para Proença Filho (2004), os estereótipos se subdividem em alguns tipos.

O primeiro citado pelo autor é o do escravo nobre, representado em obras como *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, de 1872, um livro que conta a história de uma escrava branca. Há, também, o livro *O mulato* de Aluísio, de Azevedo, publicado em 1881, um romance que narra a história de Raimundo, homem mulato, que ignora a própria cor e a sua condição de filho de escravo. Nas duas obras o chamado escravo nobre passa por um processo de branqueamento, embora a custo de muito sacrifício e humilhação.

O segundo estereótipo é o do negro como vítima, que se transfigura em objeto de idealização e serve de “[...] pretexto para a exaltação da liberdade e defesa da causa abolicionista.” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 2). No poema *A cruz da estrada*, de Castro Alves, podemos perceber esse processo por meio da redenção pela morte do escravo, onde ele finalmente encontraria sua liberdade.

O terceiro estereótipo é o do negro infantilizado, serviçal e subalterno, que apresenta traços animalizados. Podemos encontrá-lo na figura de Bertoleza, em *O cortiço* (1900), também de Aluísio Azevedo:

Bertoleza é que continuava na cepa torta, sempre a mesma crioula suja, sempre atrapalhada de serviço, sem domingo nem dia santo: essa, em nada, em nada absolutamente, participava das novas regalias do amigo: pelo contrário, à medida que ele galgava posição social, a desgraçada fazia-se mais e mais escrava e rasteira. João Romão subia e ela ficava cá embaixo,

abandonada como uma cavalgada de que já não precisamos para continuar a viagem. (AZEVEDO, 1997, p. 72)

Um estereótipo comum na época, segundo o autor, é a do negro pervertido, presente em *A carne* (1999), de Júlio Ribeiro, publicado originalmente em 1888, quando a personagem central, a branca Lenita, liberta seus instintos, o que, segundo o narrador, se deve a promiscuidade com os escravos. “Daí para a conclusão de que a raça negra é inferior a distância é curtíssima, como *O presidente negro* (1926), de Monteiro Lobato, deixa entrever.” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 5). A discussão em torno do negro erotizado está presente em diversas obras, como o já citado *O cortiço*, com as personagens Rita Baiana e o mulato Firmo; *Essa Negra Fulô* (1947), poema de Jorge de Lima; *Poemas da Negra* (1929), de Mário de Andrade; e as mulatas retratadas nas obras de Jorge Amado.

Temos, também, o estereótipo do negro demonizado, que assim se torna por força da própria escravidão; e o estereótipo do negro exilado na cultura brasileira, “[...] como tem sido apontado por alguns críticos e de que um exemplo se encontra em *Urucungo* (1933), livro de poemas de Raul Bopp”. (PROENÇA FILHO, 2004, p. 7)

Em meados dos anos 1920 o negro começou a ser representado com comprometimento à etnia:

Pouco a pouco, escritores negros e descendentes de negros começam a manifestar em seus escritos o comprometimento com a etnia. É o caso do precursor Lino Guedes (1897-1951), autor, entre outros títulos, de *O canto do cisne preto* (1926), *Urucungo* (1936) e *Negro preto cor da noite* (1936): sua poesia é marcadamente irônica, com alguma dose de autocomplacência e apelos de afirmação racial bem comportada. (PROENÇA FILHO, 2004, p. 10-11).

A presença do negro como sujeito das obras, citada acima, ganhou força entre as décadas de 1960 e 1980, mas não era, até final dos anos 2000, muito expressiva. De acordo com o artigo *Entre silêncios e estereótipos: Relações raciais na literatura brasileira contemporânea*, escrito por Dalcastagnè (2008), com base na análise de 258 romances e 165 autores – a maioria do sexo masculino – 93,9% dos autores e autoras citados eram brancos, com 3,6% não tendo sua cor identificada e 2,4%, somente, entrando na categoria de não-brancos. Em relação a cor das personagens, o que a autora encontrou como resultado foi: branca = 79,8%, negra = 7,9%, mestiça = 6,1%, indígena = 1,2%, oriental = 0,6%, sem indícios = 3,5%, não pertinente = 0,8%.

2.1 NEGROS: INFANTES NA LITERATURA?

Maria Aparecida Cruz de Oliveira (2019, p. 75) faz uma ponte entre o conceito de infância e os discursos de inferiorização destinados a escritores negros para discutir questões relacionadas à inclusão desses escritores no panorama atual da literatura brasileira. A autora cita Sandra Mara Corraza (2002, p. 81) para explicar que da Antiguidade à Idade Média “[...] não existia este objeto discursivo a que chamamos ‘infância’ nem essa figura social e cultural chamada ‘criança’.” A infância passa a ser reconhecida na Idade Moderna, mas é apenas a infância das crianças burguesas que é pensada nesse período da história, “[...] um conceito problemático pelas ausências e silenciamentos das crianças pobres, negras e indígenas.” (OLIVEIRA, 2019, p. 75).

Outro problema enfrentando pela conceituação da infância na Idade Moderna é que ela é inventada em função da visão adulta, sem consulta aos infantes, ou seja, uma visão distanciada. Desse modo, a infância se associa sempre à uma falta:

A infância é marcada desde sua etimologia por uma falta. O infantil está associado à deficiência, à não habilitação, à incapacidade, à ignorância, e muitas outras categorias de “faltosos” como os estrangeiros, que sinalizam para o que a criança não tem, o que está ausente na criança, o que ela “não tem” em relação ao adulto. A exclusão da infância já é colocada desde a palavra; ela parece não existir sem a associação ao conceito de ser adulto, como a mulher em relação ao homem. A exclusão da infância é aceitável por essas faltas, assim ela fica de fora, fica longe de ter uma palavra que alcance o significado real de infância. (OLIVEIRA, 2019, p. 76)

Desse modo, podemos associar esse caráter faltoso da criança à literatura escrita por negros, que também é marcada por uma falta, no sentido dos escritores e intelectuais negros serem colocados como infantes, incapacitados, insuficientes, inferiorizados.

3 TRAJETÓRIA DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

No final do século XIX, a literatura infantil no Brasil apresentava caráter pedagógico. Naquele momento, a educação passava por uma reforma, orientada por diretrizes iluministas, reflexo do momento político do país após a independência, em 1822. De acordo com Almeida (2015), temos, na história da produção literária infantil, uma linha evolutiva vinculada ao projeto de estruturação da educação nacional. Ela começa por Antônio Marques Rodrigues, com sua obra *O livro do povo*, de 1881; seguida pela publicação de Júlia Lopes de Almeida, *Contos infantis*, de 1886; por Romão Puiggari, com *Coisas brasileiras*, de 1893 - que não contém o didatismo das outras obras; e Tales de Andrade, com a obra *Saudade*, de 1919, trazendo como tema o ruralismo que, posteriormente, tornou-se muito usado na literatura infantil. Após esse período surge, então, a obra lobatiana.

Com *A menina do Narizinho Arrebitado* (1921), Monteiro Lobato trouxe traços rurais juntamente com a tradição novelística universal, marcando, assim, sua estreia:

Embora exista o cuidado ao analisar, na contemporaneidade, alguns aspectos importantes da obra de Lobato em termos da construção da imagem da pessoa negra na sociedade, é inegável o seu papel na renovação e constituição da literatura infantil e juvenil brasileira em sua constituição. [...] Uma das atividades importantes de Lobato foi se ocupar com a busca pelo nacional, pela brasilidade na literatura para adultos e crianças, valorizando figuras do folclore nacional. (ALMEIDA, 2015, p. 46).

Famoso pela obra que ficou conhecida como *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, Lobato marcou a literatura infantil também no que diz respeito à educação. Com a criação da *Biblioteca Infantil Monteiro Lobato*, em São Paulo, no ano de 1936, a intencionalidade pedagógica da literatura infantil se intensificou. Vale lembrar que nos anos 30, as produções literárias priorizavam a representação do real em detrimento da fantasia, embora esta tenha sido presente em toda história da literatura infantil. O caráter fantasioso das obras infantis voltaria com mais ênfase na década de 1950.

Em relação à literatura infantil da década de 1960, Ana Maria Machado (2011, p. 110) diz que: “Quando houve o golpe militar em 1964, a maioria dos livros que se publicavam para crianças no país eram meio bobos, mais na área da pedagogia do que da literatura, e tentavam dar lições - salvo uma ou outra exceção.”. Ao final da década, apesar das perseguições oriundas da ditadura militar, alguns autores

surgiram com obras literárias infantis, como Ziraldo, Ruth Rocha e Ana Maria Machado:

Esses intelectuais e artistas, oriundos de áreas diversas, queriam dizer algo diferente do que era estabelecido. A escrita simbólica, humorística e poética foi o modo estabelecido para esta comunicação da realidade. A escrita peculiar, que despistava a censura militar, acabou por interessar às crianças. Então, as manifestações culturais e políticas tornaram esse período da vida brasileira, um espaço *sui generis*. E tiveram na música popular e na literatura infantil as ferramentas basilares. (ALMEIDA, 2015, p. 49).

Uma questão a ser discutida sobre a literatura infantil da década de 1960 é o que diz respeito à ambiguidade entre literatura e didática visto que, para além do lado pedagógico das obras infantis na época, também era perceptível um caráter artístico. A partir da década de 70, o lado artístico e cultural da literatura infantil ganha impulso que “[...] redimensiona a sua trajetória. Nas décadas seguintes, a literatura infantil brasileira consolida-se como um campo de produção cultural de grande vulto.” (ALMEIDA, 2015, p. 51).

Em relação à literatura infantil do século XXI, Almeida afirma que:

[...] através de programas de circulação de livros como o Programa Nacional Biblioteca da Escola-PNBE, obras que demonstram o protagonismo negro e a desconstrução do imaginário da escravidão, surgem como proposta de recondução de discursos de racismo e o rompimento com o falseamento da democracia racial à brasileira. (ALMEIDA, 2015, p. 53).

Com a proposta de disseminar obras que demonstrassem o protagonismo negro, passaram a circular obras articuladas com a temática das culturas africanas, o que colaborou na construção das identidades africanas usurpadas do cotidiano brasileiro. Com isso, a literatura infantil alargou suas margens e permitiu uma abertura para divulgação da literatura negro-brasileira infantil.

3.1 A PERSONAGEM NEGRA NA LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil, assim como todo texto literário, traz consigo personagens e conflitos que carregam traços ideológicos responsáveis por influenciar as crianças, uma vez que apresentam determinado tipo de concepção estética e de beleza para

esse público. Arboleya (2008) cita Bakhtin (1992) para abordar as narrativas que funcionam como estratégias formadoras de consciência, o que se adequa no contexto da infância, quando a criança se identifica, com base no que vê e lê no texto, provocando reflexões:

O público infantil, de uma forma geral, espelha com clareza este aspecto ressaltado por Bakhtin pelas experiências que travam com uma obra literária ao associar os conflitos das personagens à sua prática cotidiana, construindo reflexões e interconexões com a obra, tanto a partir de sua própria experiência quanto pelas mediações do trabalho pedagógico. (ARBOLEYA, 2008, p. 2)

Dessa forma, o que mais vemos sendo reforçado nas histórias infantis são valores culturais eurocêntricos, ocidentais e cristãos, nos quais a beleza é descrita como sendo branca, como é o caso da *Branca de Neve*, por exemplo, o que reforça os aspectos físicos e culturais da raça ariana. A questão é: como fica a imagem da personagem negra nessas narrativas? Ela se torna “[...] coadjuvante na ação e, por consequência, na vida.” (ABRAMOVICH, 1997, p. 36)

Esse cenário vem de um passado histórico, pois, até 1920 era rara a aparição de personagens negras em livros infantis brasileiros. Somente apareciam remetendo a um passado escravocrata ou figurando em cenas domésticas. Nos anos seguintes, elas começaram a aparecer mais nos livros, porém, ainda de maneira estereotipada. Em meados da década de 1970, as personagens negras e suas respectivas culturas ganharam mais espaço nas histórias infantis, mas o número ainda era pouco expressivo e a forma de representação ainda estereotipada. De 1976 a 2000, os livros infantis começam a apresentar, segundo Oliveira “[...] negros associados à pobreza, desamparados, desprovidos de família, tutelados pelo branco bom, inferiorizados e sujeitos à violência verbal e física, enaltecidos pelos atributos físicos, reforçando o mito da democracia racial.” (apud FREITAS; SILVA, 2016, p. 7)

Em 2003, entrou em vigor a lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003), que torna obrigatório o ensino da história da África e da cultura afro-brasileira nos currículos dos estabelecimentos de ensino, públicos e particulares, da educação básica de todo o país. Após a lei, as personagens negras tornaram-se mais frequentes na literatura para crianças e adolescentes. Muitos dos livros passaram a trazer como temática a valorização do fenótipo negro (especialmente o cabelo crespo) e a associação de seus estereótipos à beleza, o que colabora com a valorização da autoimagem positiva dos personagens negros e negras.

3.2 O MENINO NEGRO NA LITERATURA INFANTIL

Os objetos de estudo do presente trabalho são obras que tragam como protagonistas meninos negros em diferentes situações. Focalizamos, especialmente, nos meninos porque há vários estudos que abordam as meninas negras. Ao analisar os livros escolhidos, buscaremos observar quais elementos compõe as histórias; se elas trazem ou não referências das culturas africanas e do cotidiano desses povos; e, por fim, analisaremos se a história aborda problemáticas étnico-raciais.

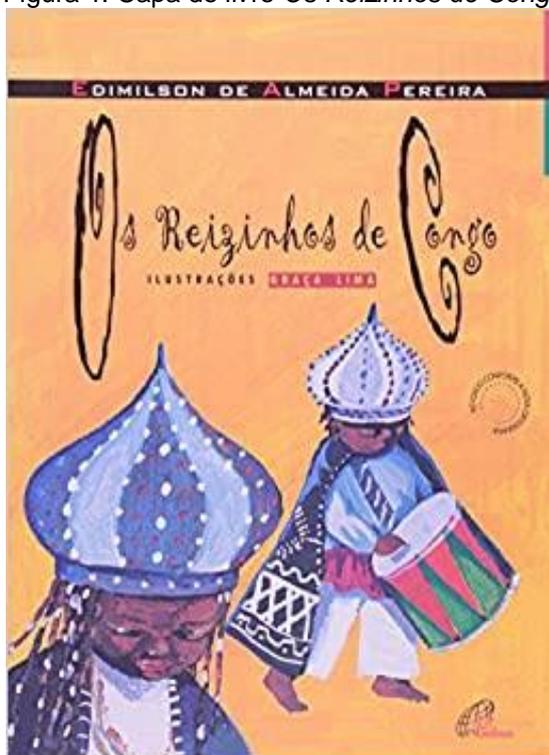
Pretendemos, por meio das obras aqui elencadas, mostrar que é possível produzir histórias que tragam consigo representações da realidade da etnia de maior parte da população brasileira, que é negra, sendo aqui, no caso, histórias direcionadas para o público infantil. Este trabalho busca “[...] respeitar o pensamento infantil, visando sua identificação e reconhecimento, além de mostrar os percursos que a literatura pode os levar a trilhar.” (TRINDADE, 2019, p. 35).

Em ordem de análise, as obras apresentadas são:

- *Os reizinhos de Congo* (PEREIRA, 2004);
- *Caderno de rimas do João* (RAMOS, 2015);
- *Sinto o que sinto e a incrível história de Asta e Jaser* (RAMOS, 2019);
- *O Pequeno príncipe preto* (FRANÇA, 2020).

3.2.1 Os reizeiros de Congo

Figura 1: Capa do livro *Os Reizeiros de Congo*



Fonte: Pereira, 2004.

O livro *Os reizeiros de Congo* (PEREIRA, 2004) é dividido em duas histórias: Reizeiro de Congo, que será analisada aqui, e Rainha-menina. Ele foi escrito por Edmilson de Almeida Pereira, que sonhava que considerassem seus livros como um lugar onde tecemos a vontade de um mundo melhor para todos, tal como registrou num dos paratextos da obra, ilustrada por Graça Lima, que se atrai por temas ligados às origens africanas e pela riqueza do universo estético do continente. O primeiro conto da obra, intitulado de *Reizeiro de Congo*, apresenta a história do reizeiro-menino que nos convida a conhecer a história de seus antepassados.

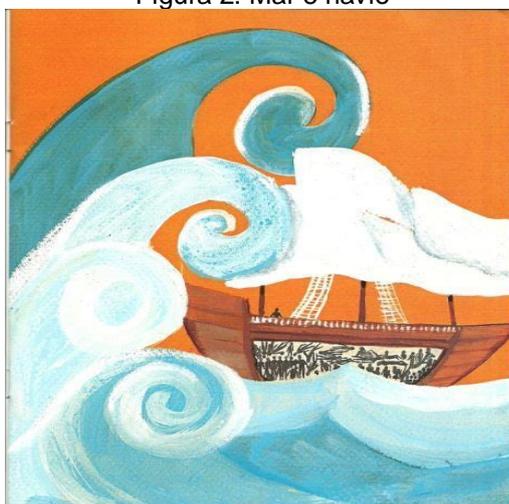
O nome do livro faz referência ao Congado, “[...] festa religiosa em celebração aos ancestrais de origem africana e aos santos católicos.” (PEREIRA, 2004). O festejo ocorre em estados como: Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e Rio Grande do Sul. A origem do Congado é africana, uma vez que era realizado durante o Cortejo aos Reis Congos, feito pelos súditos do Rei e da Rainha de Congo. A homenagem era feita usando tambores, forte expressão cultural africana. A pesquisadora Larissa Oliveira Gabarra (2003) explica que, no século XVIII, O Império do Congo, no

continente africano, foi invadido por portugueses e entre os negros aprisionados para se tornarem escravos estavam membros de famílias que disputavam o trono do lugar. No Brasil, os membros da família real africana “[...] foram motivo aglutinador da comunidade negra, que uniu, através da cultura bantu, as diferentes etnias africanas em novas relações sociais - formadas, em sua maioria, ao redor das irmandades católicas.” (GABARRA, 2003, p. 3)

A ilustração da capa do livro remete ao Congado, com o reizinho e a rainha-menina vestidos a caráter e com a presença de um tambor, instrumento usado na festa, como dito mais acima. Quem já tem o conhecimento do que é o Congado consegue identificar, na capa, as características da festa.

“Esta é a história do reizinho coroadado.” (PEREIRA, 2004, p. 4) assim começa a história do reizinho de Congo e seus antepassados. Ela é narrada em terceira pessoa, com predominância de tempos verbais no pretérito, o que faz com que o leitor perceba a intenção de ser contada uma história que trará a memória dos antepassados do reizinho-menino; e no presente, ao contar a história da criança. De começo, nos é apresentada a palavra *calunga*. No contexto do livro, *calunga* é como os antepassados do reizinho chamavam o mar e ele, o mar, é o narrador-onisciente da narrativa.

Figura 2: Mar e navio



Fonte: Pereira, 2004, p. 5.

Na imagem acima, que acompanha o texto da página 4, podemos ver um navio cheio de pessoas negras, representando os escravos vindos da África para o Brasil, e um mar revolto. No texto, nos é dito que o mar, *calunga*, por ser imenso, acabava por engolir muita gente, mas os negros que sobreviviam chamavam uns aos outros de *malungo*, que significa *amigo*. Dentre os escravos, estavam os avós do reizinho, que “[...] foram presos, perderam dente e saliva, mas não os pensamentos.”

(PEREIRA, 2004, p. 4). Dentre os pensamentos está o canto em homenagem a Ganga, que significa, no livro, homem sagrado, um sacerdote:

Ganga aruá dandê
Ganga aruá dandá
Viva o reizinho de Congo
Morador desse lugar.
(PEREIRA, 2004, p. 4)

A obra é feita em rimas e as ilustrações servem como complemento do texto escrito, pois por meio dos desenhos, destacam-se elementos que o texto verbal não apresenta. Como exemplo, temos a imagem do reizinho, descrito como sendo ainda menino, alguém que não conhece bem as palavras ainda. Mas é por meio da ilustração que conseguimos ver como, de fato, ele se apresenta:

Figura 3: Reizinho-menino



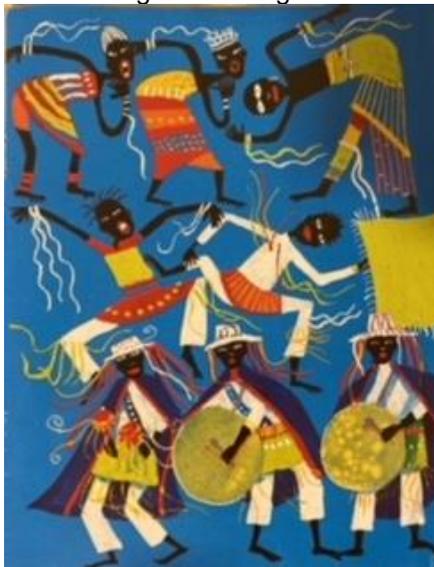
Fonte: Pereira, 2004, p. 7.

Um dos trechos que demonstra que o Congado é uma festividade vinda da África para o Brasil é o anúncio feito, no início da festa, por uma pessoa mais velha em nome do reizinho de Congo, que fala da vinda dos escravos para o Brasil:

Eu saí de minha terra
Para as terras que não sei.
Girei o pião no escuro e,
Quando ele parou, aqui cheguei.
(PEREIRA, 2004, p. 6)

As ilustrações nessa história são muito importantes para entendermos melhor os elementos que constituem o Congado, como na imagem a seguir:

Figura 4: Congado



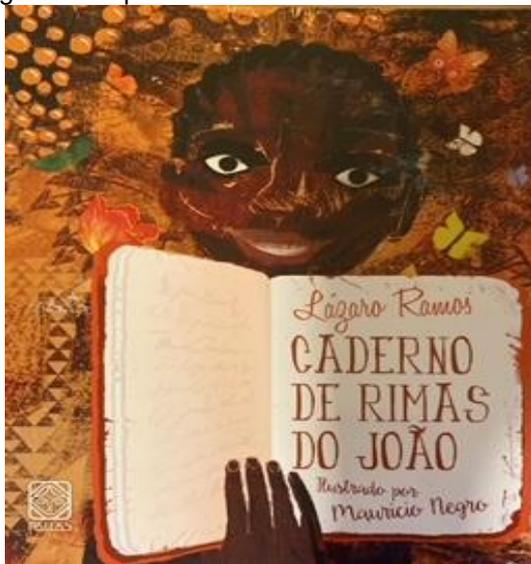
Fonte: Pereira, 2004, p 11.

Podemos perceber, na ilustração, a caracterização de pessoas para o festejo. Homens de vestes brancas, com capas azuis, acompanhados de batuques; e outras pessoas, de roupas coloridas com tons de verde, amarelo e vermelho. Todos dançam ao som dos tambores: “O reizinho e sua gente giram... giram... com prazer e valentia.” (PEREIRA, 2004, p. 10)

Essa é, sem dúvida, uma história muito interessante para se aprender sobre a cultura de um povo que antes poderia ser desconhecida. A narrativa apresentada na obra desperta uma curiosidade de aprender mais sobre o Congado e suas características, fazendo com que o livro seja considerado muito rico e perfeitamente enquadrado ao que sinaliza a lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003), pois com base nele é possível trabalhar, com o público infantil, aspectos relacionados aos processos provenientes da vinda de escravizados da África para o Brasil: a transplantação de costumes, as crenças e as festividades religiosas, como a retratada na obra.

3.2.2 Caderno de Rimas do João

Figura 5: Capa do livro *Caderno de rimas do João*



Fonte: Ramos, 2015.

O livro *Caderno de Rimas do João* foi escrito por Lázaro Ramos, famoso ator, apresentador e autor baiano. Sua carreira como ator começou em 1994, no Bando de Teatro Olodum, e, desde então, ele fez dezenas de filmes, trabalhos para a televisão e mais de 30 espetáculos teatrais, chegando a ganhar mais de 40 prêmios por suas atuações. Embaixador do Unicef desde 2009, escreveu um livro para o público adulto, chamado *Na minha pele*, e livros infantis, como *Caderno Sem Rimas da Maria* e *Sinto o que sinto e a incrível história de Asta e Jaser* e o *Caderno de Rimas de João*, que será analisado aqui.

Maurício Negro ilustra o *Caderno de Rimas de João*. Ele é artista visual e autor de diversas obras. Com grande identificação com a temática da ancestralidade, da mitologia e dos aspectos ambientais e identitários, foi ganhador de diversos prêmios e costuma retratar, em suas obras, aspectos indígenas e de matrizes africanas, por exemplo. Além disso, é importante destacar que ele membro do conselho diretor da Sociedade dos Ilustradores do Brasil (SIB).

Na obra de Ramos, o eu-lírico, João, escolhe 28 palavras e expressões que são explicadas por meio de poemas rimados, constituindo, assim, o caderno de rimas da personagem. Como exemplo de poemas, temos: *Mãe*, *Pai*, *Morrer*, *Viagem* e *Amigo*.

O livro apresenta um jogo de palavras como elemento lúdico. O eu-lírico poetiza, ou seja, organiza o arranjo das palavras do texto, suscitando, assim, outros significados. Para Alice Áurea Penteado Martha (2011) as palavras “[...] organizadas de maneira própria, com ampla significação, para além do óbvio e do previsível, tornam-se símbolos do real, requisito fundamental na construção da imagem poética.” (MARTHA, 2011, p. 46). No livro, podemos ver como exemplo do que foi dito anteriormente, o seguinte poema:

MORRER
 Uma planta no quintal
 Muito sol na imensidão.
 Se não rego, se desfolha,
 Dá saudade, um vazio, solidão.
 Por que isso? Não entendo.
 Quem me explica essa história?
 Foi-se embora a plantinha,
 Mas me ficou na memória.
 (RAMOS, 2016, p. 14)

João tenta explicar, de maneira lúdica, o que ele entende pelo verbo *morrer*, usando como metáfora uma planta no quintal que devido ao sol, se não for regada, acabará indo embora, morrendo. Esse tipo de jogo vai se repetindo ao longo do livro para explicar diferentes palavras, mas sem perder o ponto de vista do eu-lírico, que é uma criança.

No livro, também, podemos ver, como temas dos poemas, pessoas e personagens que são referências para o menino. Personalidades negras que ocupam um lugar especial para ele, por meio de um processo de identificação. Como exemplo, temos o poema que leva o nome do cantor Gilberto Gil:

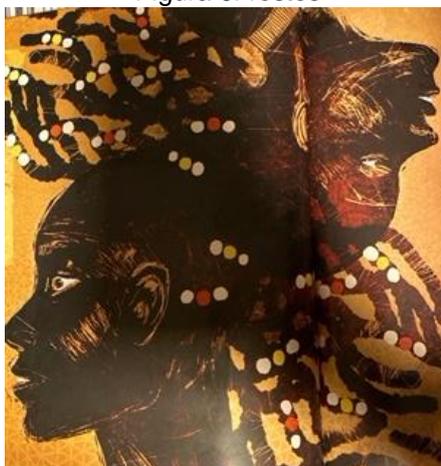
GILBERTO GIL
 Refazendo refazenda:
 Um cantor tropicalista
 Foi meu pai quem me falou,
 Tem que estar na minha lista.
 Escutei, cantei, gostei
 E dancei até na pista.
 Com as letras das canções
 Parece um equilibrista.
 (RAMOS, 2016, p. 15)

Ainda em relação ao processo de identificação, chama atenção o poema *Herói*, no qual João cita o menino Kirikou, personagem principal do filme francês *Kirikou e a Feiticeira*, de 1998, que conta a história de um menino africano esperto e inteligente,

que apesar da pouca idade e tamanho, consegue salvar sua aldeia da malvada feiticeira Karabá. Esse poema demonstra que o menino João se vê representado ali, naquela narrativa, pois Kirikou serve de espelho, no qual o eu-lírico se vê refletido.

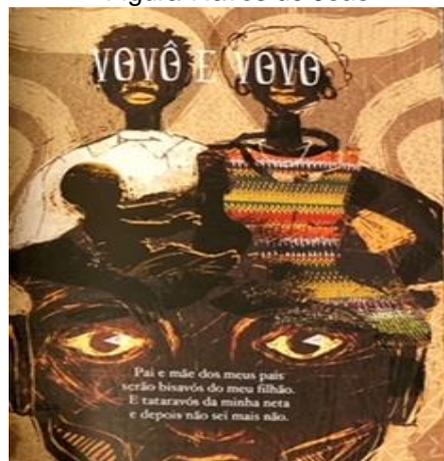
A parte imagética do livro também é muito expressiva, pois ilustra o que é dito no poema e, muitas das vezes, retrata pessoas negras que servem de inspiração para João. A seguir estão alguns exemplos de ilustrações:

Figura 6: rostos



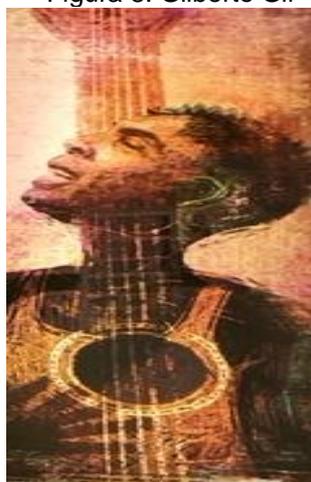
Fonte: Ramos, 2015, p. 6-7.

Figura 7: avós de João



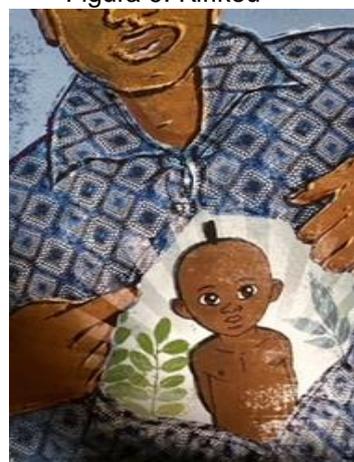
Fonte: Ramos, 2015, p. 13.

Figura 8: Gilberto Gil



Fonte: Ramos, 2015, p. 15.

Figura 9: Kirikou



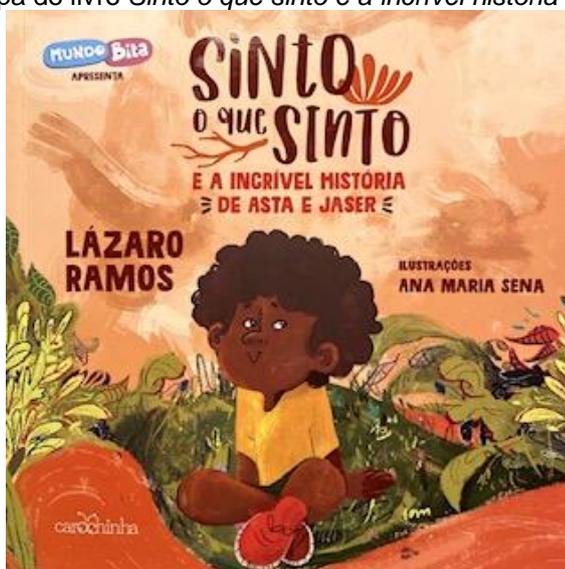
Fonte: Ramos, 2015 p. 28.

O jogo de palavras usado por João nos poemas pode ser entendido como um drible. Acredita-se que o drible foi criado por jogadores negros como escape dos ataques sofrido pelos brancos e por sofrerem injustiças na não marcação de faltas diante das agressões. Já no texto de Lázaro Ramos, o drible pode ser entendido como “[...] um modo de encontrar saídas, alternativas para a interdição de espaço” (NOGUEIRA, 2013). Débora Cristina de Araújo e Luís Thiago Freire Dantas, no artigo

Pra entender o erê tem que tá moleque: as infâncias de João e Maria, em Lázaro Ramos, explicam que, por meio desse drible, “João desconcerta, desvia e destoa do convencional ao apresentar possibilidades improváveis de combinações rítmicas e semânticas, num processo de descentramento da racionalidade.” (ARAÚJO; DANTAS, 2020, p. 204)

3.2.3 Sinto o que sinto e a incrível história de Asta e Jaser

Figura 10: Capa do livro *Sinto o que sinto e a incrível história de Asta e Jaser*



Fonte: Ramos, 2019.

Sinto o que sinto e a incrível história de Asta e Jaser, assim como o livro analisado anteriormente, *Caderno de rimas de João*, foi escrito por Lázaro Ramos. As ilustrações do livro são de Ana Maria Sena, estudante de Artes Visuais da Universidade de Brasília (UnB), que começou ainda na infância. Em 2015, ela teve seu trabalho exposto pela Marcha Mundial das Mulheres e fez ilustrações para a revista e o livro *Capitolina*. Em 2017, participou do evento *Donas da Rua da Arte*, produzido pela Maurício de Sousa Produções.

O livro tem como protagonista o menino Dan que, com o passar da história, vai demonstrando ter diversos tipos de sentimentos e emoções de acordo com as situações em que se encontra, além de conhecer, através do avô, a história de Asta e Jaser, seus ancestrais africanos, que viviam às margens do Rio Omo, na Etiópia.

frutas, galhos e outros recursos naturais. A pintura é feita porque eles gostam da estética e como uma forma de se proteger do sol. As tintas que eles usam para pintar o corpo vêm dos vulcões que, por terem entrado em erupção ao longo de milhares de anos, foram dando origem a camadas de rochas de cores diferentes. Eles vivem da caça e criam gado e, assim como na história, não ficam muito tempo num mesmo lugar. Abaixo estão duas figuras que mostram crianças, da comunidade do Vale do Rio Omo, pintadas e enfeitadas, de acordo com o que foi dito acima:

Figura 12: criança



Fonte: Ramos, 2019, p. 42.

Figura 13: criança 2

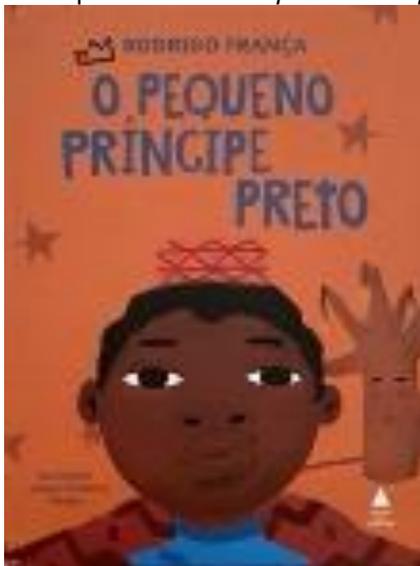


Fonte: Ramos, 2019, p. 45.

O livro é interessante pelo fato de trazer aspectos da cultura de uma certa comunidade africana. Aqui, no caso, com a história contada pelo avô de Dan e as informações sobre o povo do Vale do Rio Omo trazidas ao final do livro, o leitor aprende mais sobre os costumes dessa comunidade, como o fato deles colorirem o próprio corpo, por exemplo. Com a história, Dan tem uma percepção de ancestralidade e pertencimento trazidos pela história de seus antepassados, Asta e Jaser, além de sentir orgulho de fazer parte, de certa maneira, da história contada.

3.2.4 O Pequeno Príncipe Preto

Figura 14: Capa do livro *O Pequeno Príncipe Preto*



Fonte: França, 2020.

O Pequeno Príncipe Preto foi escrito por Rodrigo França. Ele é articulador cultural, ator, diretor, dramaturgo, artista plástico e ativista pelos direitos civis, sociais e políticos da população negra, tendo, inclusive, suas pinturas expostas no Brasil, Estados Unidos e Portugal. Em 2019, ganhou o Prêmio Shell de Teatro na categoria Inovação pelo seu coletivo *Segunda Black*, pelo qual também conquistou o 18º Prêmio Questão de Crítica. Sua carreira como ator começou em 1992 e ele já participou de mais de 40 espetáculos, tendo dirigido oito peças de teatro e escrito sete.

Juliana Barbosa Pereira ilustra o livro. Ela é uma jovem ilustradora, animadora e designer que, junto a Rodrigo França e equipe, realizou a peça *O pequeno príncipe preto*. Para ilustrar o livro, Juliana precisou entrar em contato com a criança que vive dentro dela que, segundo a própria, foi um processo leve, gostoso e muito importante (FRANÇA, 2020).

Na obra, acompanhamos o pequeno príncipe e suas aventuras em alguns planetas, incluindo a Terra. O título do livro faz alusão e mantém um diálogo intertextual intenso com a famosa obra de Antoine de Saint-Exupéry: *O pequeno príncipe*, sendo, aqui, adaptada para uma história na qual o protagonista é um menino negro. A obra traz a questão da identidade por meio da discussão do que é ancestralidade, representada por dois personagens muito importantes na história: o

próprio príncipe e a árvore Baobá, únicos integrantes do pequeno planeta em que se encontram.

Ao falar do termo *ancestralidade*, o eu-lírico usa a própria árvore de exemplo, explicando que antes dela existiu outra árvore e antes dessa árvore existiu outra e assim por diante. Daí, então, ele fala sobre sua própria ancestralidade, trazendo seus antepassados como exemplo. Acompanhado da explicação temos uma bela ilustração que mostra o pequeno príncipe, seu pai, seu avô e seu bisavô. É possível aprender, nessa parte do livro, sobre a importância de conhecer o próprio passado, a própria origem e suas características. A criança negra pode, então, passar por um processo de identificação ao entender mais sobre a ancestralidade, sendo que a parte imagética colabora com esse movimento.

Figura 15: Ancestralidade



Fonte: França, 2020, p.8-9.

Outro ponto encontrado no livro é sobre a questão da cor da pele. O menino explica que sua pele é da cor do solo de seu planeta e traz a questão do lápis de cor e o tom *cor de pele*, que é questionado pelo pequeno príncipe preto, pois a pele pode ter muitos tons. Outra questão é em relação a seus traços. O menino diz: “Minha boca é grande e carnuda [...] Eu tenho nariz de batata. Eu adoro batata e adoro meu nariz. [...] Meu cabelo não é ruim. Ele não fala mal de ninguém.” (FRANÇA, 2020, p. 11). Podemos perceber que a personagem brinca com as palavras para explicar falas e atitudes racistas da sociedade, como quando fala do lápis *cor de pele* e do *cabelo*

ruim. Esse livro foi o primeiro que trouxe a questão do cabelo, que é, sem dúvida, uma discussão muito importante para se ter desde a tenra infância, para que ocorra um processo de identificação racial positiva de si, problematizando expressões racistas como *cabelo ruim*.

Outra discussão que podemos ter ao ler o livro é em relação à valorização das religiões de matrizes africanas. Em certas páginas da obra, a personagem traz essas referências, como quando quer explicar que os raios são dois grandes guerreiros lutando, dois Orixás: Iansã e Xangô. Com a palavra Modupé, que significa *Eu dou graças a Deus*, na religião iorubá, ele se despede das crianças que conheceu na Terra. Usa a palavra *Orun*, que significa *céu*, também na religião iorubá, para falar da morte da árvore Baobá. Para desejar que a árvore fosse em paz, diz a frase, em iorubá: *Olorun kosi pure*. O termo Ubuntu tem origem na língua *Zulu*, pertencente ao grupo linguístico bantu. É um termo muito citado no livro e tem uma difícil explicação. No final nos é revelado que significa, de acordo com a personagem, “nós por nós”. E é com esse termo que o livro termina: UBUNTU!

Figura 16: UBUNTU



Fonte: França, 2020, p. 26.

Na história, diferente do que acontece no clássico *O Pequeno Príncipe*, a Baobá é uma árvore sagrada, como em diversas culturas africanas. É ela que, no livro, transmite para o príncipe toda sua sabedoria sobre diversos assuntos e, principalmente, sobre a ancestralidade. *O pequeno príncipe preto* é um livro que traz uma mensagem de amor, amizade, respeito, coletividade, compreensão e esperança.

Mas, para além desses valores, a obra apresenta como tema importante o protagonismo preto e a valorização das origens africanas.

4 CONCLUSÃO

Com as análises dos livros infantis na seção anterior, torna-se possível entender a importância da Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003) e de sua aplicação, pois observamos, com as histórias, a riqueza e a relevância de trabalhar, com o público infantil, temas relacionados com as culturas africanas e negro-brasileiras.

A constituição de uma leitura crítica das obras destaca a relevância da inclusão de histórias negro-brasileiras infantis, não somente no âmbito escolar, como também na vida da criança, como um elemento necessário para que exista uma convivência, desde cedo, com questões relacionadas à vivência do negro no Brasil. Isso acontece, pois essa criança, se negra, saberá com mais propriedade o que é existir como pessoa preta no país. Já a criança branca, não só entenderá a importância de se respeitar todas as pessoas, independentemente de sua cor e de sua etnia, bem como aprenderá mais sobre a cultura afrodescendente.

Levar histórias que contemplem enredos com protagonismo de negros para escolas e lares é preciso, também, para que se rompa com o padrão de obras de caráter cultural branco e eurocêntrico, apresentadas constantemente ao público infantil, para dar lugar a obras mais diversas, que discutam cor, ancestralidade e cultura.

Em relação ao caráter pedagógico da literatura infantil, obras como as analisadas possibilitam ao educador levar o que pede a Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003) para sala de aula de diversas maneiras, como por meio de leituras coletivas, atividades lúdicas e debates, constituindo várias formas de se trabalhar com temas relacionados ao continente africano às pessoas negras no Brasil.

Concluimos, portanto, com a ajuda dos livros usados para análise desse trabalho, que histórias que tragam o menino negro como protagonista existem e trazem consigo conteúdos muito relevantes, como os seguintes temas: escravidão, festividades religiosas, costumes e crenças, representação negra por meio da figura do herói, cultura dos povos africanos, ancestralidade, racismo, valorização da imagem do negro e de suas características, protagonismo negro. Dessa forma, a criança internalizará a importância dessa discussão, na qual o objetivo principal é a valorização positiva da pessoa negra.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ALFREDO, Olegário. **O pente penteia**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015.

ALMEIDA, Dalva Martins de. **A menina negra diante do espelho**. 2015. 125 f., il. Dissertação (Mestrado em Literatura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

ALMEIDA, Júlia Lopes. **Contos infantis**. Rio de Janeiro: [s.n], 1886.

ALVES, Castro. **A cruz da estrada**. Disponível em: <https://blogdospoetas.com.br/poemas/a-cruz-da-estrada/>. Acesso em: 24 abr. 2021.

ANDRADE, Mário de. **Poemas da negra**. Disponível em: <https://lusografias.wordpress.com/2017/01/31/mario-de-andrade-poemas-da-negra/>. Acesso em: 24 abr. 2021.

ANDRADE, Tales. **Saudade**. São Paulo: Pocaí, 1919.

ANDRUETTO, María Teresa. **A leitura, outra revolução**. São Paulo: Edições Sesc, 2014.

ARAÚJO, Débora Cristina; DANTAS, Luís Thiago Freire. Pra entender o Erê tem que tá moleque”: as infâncias de João e Maria, em Lázaro Ramos. **Verbo de Minas**, Belo Horizonte, v. 21, n. 37, 2020. Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/view/2471/1684>. Acesso em: 30 abr. 21.

ARBOLEYA, Valdinei José. **O negro na literatura infantil: interpretação da construção adjetiva e da representação imagética de personagens negros**. Disponível em: http://africaeaficanidades.online/documentos/O_negro_na_literatura_infantil_apontamentos.pdf. Acesso em: 30 abr. 21.

AZEVEDO, Aluísio de. **O cortiço**. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000015.pdf>. Acesso: 10 abr. 2021.

AZEVEDO, Aluísio de. **O mulato**. 1881. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4812>. Acesso em: 10 abr. 2021.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**: seção 1, Brasília, DF, ano 140, n. 8, p.1, 10 jan. 2003.

COSTA, Madu. **Meninas negras**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

CUTI, Fela. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

DALCASTAGNÉ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, Brasília, DF, v. 31, p. 87-110, 2008. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/viewFile/2021/1594>>. Acesso em: 30 abr. 21.

FRANÇA, Rodrigo. **O pequeno príncipe preto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

FREITAS, Daniela Amaral Silva; SILVA, Santuza Amorim. **Representações dos negros na literatura infantil e juvenil**. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/5720/572061643005/html/index.html>. Acesso em: 03 mai. 2021.

GABARRA, Larissa Oliveira. **Congado: a festa do batuque**. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/32/30>. Acesso em: 30 abr. 21.

GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura**. São Paulo: Domínio Público, 1875.

KIRIKOU e a Feiticeira. Direção: Michel Ocelot. Produção: Didier Brunner. França: France 3, 1998, 1 DVD.

LIMA, Jorge de. **Poemas negros**. São Paulo: Alfaguara, 2016.

LOBATO, Monteiro. **A menina do narizinho arrebitado**. São Paulo: Monteiro Lobato e Cia, 1921.

LOBATO, Monteiro. **O presidente negro**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2008.

MARTHA, Alice Aúrea Penteado. **Literatura Infantil: a poesia**. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40361/3/01d17t10.pdf>. Acesso em: 30 abr. 21.

MATOS, Gregório de. **Epílogos**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000119.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.

NOGUEIRA, Renato. O conceito de drible e o drible do conceito: analogias entre a história do negro no futebol e do epistemicídio na filosofia. **Revista Z Cultural (UFRJ)**, v. VIII, p. 34, 2013. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/oconceito-de-drible-e-o-drible-do-conceito-analogias-entre-a-historia-do-negro-no-futebol-brasileiro-e-do-epistemicidio-na-filosofia/>. Acesso em 30 abr. 21.

OLIVEIRA, Kiusam de. **O mundo no Black Power de Tayó**. São Paulo: Peirópolis, 2013.

OLIVEIRA, Maria Aparecida Cruz. **Representações decoloniais: as meninas negras no romance afro-brasileiro contemporâneo**. 2019. 178 f., il. Tese (Doutorado em Literatura) — Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2019.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) — Departamento Educação da Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2003.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Os reizinhos de Congo**. São Paulo: Paulinas, 2004.

PROENÇA FILHO, Domício. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100017&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 30 abr. 21

PUIGGARI, Romão. **Coisas brasileiras**. São Paulo, 1893.

RAMOS, Lázaro. **Caderno de Rimas do João**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

RAMOS, Lázaro. **Sinto o que sinto e a incrível história de Asta e Jaser**. São Paulo: Carochinha, 2019.

RIBEIRO, Júlio. **A carne**. São Paulo: Martin Claret, 1999.

RODRIGUES, Antônio Marques. **Livro do povo**. Tipografia do Frias, 1861.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

TRINDADE, Alice Cristina Carvalho da. **Literatura infantil negra: debatendo a cor do silêncio por meio da ilustração de personagens meninos**. 2019. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.